

ANDREAS J. KÖSTENBERGER

A
HERESIA DA
ORTODOXIA

COMO O FASCÍNIO DA CULTURA
CONTEMPORÂNEA pela DIVERSIDADE
ESTÁ TRANSFORMANDO NOSSA VISÃO
do CRISTIANISMO PRIMITIVO

MICHAEL J. KRUGER

PREFÁCIO DE I. HOWARD MARSHALL

“*A Heresia da Ortodoxia* ajudará muitos leitores a entender o que está ocorrendo nos estudos do início do cristianismo nos dias atuais. Ele explica, critica e apresenta uma alternativa para a chamada tese de Bauer, uma abordagem na qual se baseia um vasto segmento dos estudos sobre o início do cristianismo. Aquela ‘doutrina’ — o cristianismo antes do quarto século nada mais era do que uma massa em ebulição de facções divergentes e competindo entre si, sem nenhum centro teológico que pudesse reivindicar continuidade histórica com Jesus e seus apóstolos — agora se tornou a ‘ortodoxia’ para muitos. Os autores deste livro fazem mais do que expor as falhas dessa doutrina; eles indicam o caminho para um fundamento mais sólido para os estudos do início do cristianismo, enfatizando as questões fundamentais do cânon e do texto do Novo Testamento. O Capítulo 8, que demonstra como uma deturpação amplamente disseminada de um estudioso acerca da crítica textual do Novo Testamento somente aperta ainda mais o torniquete sobre seus próprios pontos de vista, já vale o preço do livro. Köstenberger e Kruger fizeram um serviço valioso ao público leitor cristão.”

Charles E. Hill, professor de Novo Testamento,
Reformed Theological Seminary.

“A tese de Bauer, aceita em muitos círculos universitários e popularizada por Bart Ehrman e por meio de documentários na TV, há muito tempo precisava de uma análise mais minuciosa. *A Heresia da Ortodoxia* fez isso. Quer olhemos para a tese de Bauer sobre a diversidade, para o uso contemporâneo da teoria para defender a origem precoce do gnosticismo, para o processo que levou à formação do cânon, quer para as evidências que os manuscritos nos trazem, este estudo demonstra que a teoria de Bauer, mesmo que aceita por muito tempo, está cheia de dificuldades que precisam ser confrontadas. O que surge desse estudo é uma apreciação de que, às vezes, teorias novas não são melhores do que as que elas se propõem a substituir, apesar da atenção exagerada recebida por ser a nova criança do bairro. Já estava mais do que na hora de desmascarar essa criança como deficiente da solidez de uma visão genuinamente madura. Este livro cumpre bem essa função e também apresenta uma nova abordagem sobre a visão alternativa, que tem raízes históricas muito mais fortes.”

Darrell L. Bock, professor de Pesquisa do Novo Testamento,
Dallas Theological Seminary.

“Esta é uma refutação incrivelmente lúcida e altamente convincente da tese que afirma que a forma mais antiga do cristianismo em muitos locais era o que, mais tarde, foi considerada como ‘heresia’ e que o cristianismo, desde o início, era tão diversificado a ponto de que não deveria ser considerado um movimento único — uma tese apresentada inicialmente por Walter Bauer, todavia mais recentemente defendida por Bart Ehrman. Como Köstenberger e Kruger demonstram com tanta clareza e de forma contundente, essa tese, ainda muito influente, simplesmente não resiste a uma análise minuciosa. Avaliando uma grande gama de evidências — as comunidades dos primeiros cristãos em diferentes regiões do Império Romano, os próprios documentos do Novo Testamento, o surgimento e os limites do cânon e sua ligação com a aliança, as evidências dos escribas cristãos e a transmissão confiável do texto do Novo Testamento — eles demonstram, passo a passo, que outra visão do início do cristianismo é muito mais plausível de acordo com as evidências disponíveis. Eles mostram que há um cerne doutrinário unificado no Novo Testamento, bem como um nível de diversidade legítima, e que o senso de ortodoxia entre os escritores do Novo Testamento é difundido e universal. Eles também desmascaram a maneira com que a cultura contemporânea se encantou pela diversidade e o impacto que isso trouxe sobre diversos leitores do Novo Testamento.

Neste livro perspicaz e de fácil leitura — uma obra-prima — Köstenberger e Kruger fizeram um grande serviço a todos nós. É leitura obrigatória para todos os que querem entender o Novo Testamento e as recentes controvérsias que surgiram nos estudos do Novo Testamento.”

Paul Trebilco, professor de Estudos do Novo Testamento, Departamento de Teologia e Religião, University of Otago, Dunedin, Nova Zelândia.

“Köstenberger e Kruger escreveram um livro que não somente introduz o leitor à teoria problemática de Bauer e sua ressurgência contemporânea, como também, camada por camada, demonstra seu fracasso por não conseguir explicar de forma confiável a história das comunidades, dos textos e das ideias que floresceram no início do cristianismo. Em seus argumentos, os autores demonstram sua competência no universo dos estudos do Novo Testamento. Mas, além disso, tecem ao logo do livro diversos *insights* sobre como falácias dentro da cultura contemporânea suprem o combustível para uma tese que deveria ter sido enterrada há muito tempo. Os crentes encontrarão nessas páginas inspiração para batalhar ‘pela fé de uma vez por todas confiada aos santos.’”

D. Jeffrey Bingham, chefe de departamento e professor de Estudos Teológicos, Dallas Theological Seminary.

“Recentemente, certos ícones prediletos da mídia têm nos dito que o início do cristianismo não tinha relação alguma com a visão ‘estreita’ da crença ortodoxa. Agora os autores de *A Heresia da Ortodoxia* nos providenciam uma refutação acadêmica, mas muito acessível, mostrando que ‘estreitas’ aqui, na verdade, são as evidências históricas em que essa tese antiga é construída. Em uma cultura que procura recriar o início do cristianismo segundo a própria imagem insensata, este livro faz soprar uma brisa de equilíbrio e sanidade.”

Nicholas Perrin, professor associado de Novo Testamento, Wheaton College.

“Köstenberger e Kruger produziram um livro repleto de senso comum e baseado em investigação sólida e ampla documentação. O livro é uma crítica ampla e abrangente da tese de Bauer-Ehrman, segundo a qual a forma mais antiga do cristianismo era pluralista, havia múltiplos cristianismos, e a heresia precedeu a ortodoxia. De forma respeitosa, mas sem esconder a realidade, *A Heresia da Ortodoxia*, em cada página, nos convence de que a tese de Bauer-Ehrman está completamente equivocada. Todos aqueles que capitularam à sirene estridente do relativismo e à tolerância do pós-modernismo, qualquer pessoa que esteja flertando com ela, e todos aqueles preocupados com o que esta mudança sismica sociológico-epistemológica está trazendo para a fé cristã deveriam ler este livro.”

Daniel B. Wallace, professor de Estudos do Novo Testamento, Dallas Theological Seminary.

“No princípio era a Diversidade. E a Diversidade estava com Deus, e a Diversidade era Deus. Sem a Diversidade nada do que foi feito se fez. E aconteceu que os terríveis e antiquados ‘ortodoxos’ restringiram a diversidade e finalmente a descartaram, rejeitando-a como heresia. Mas, na plenitude dos tempos (que, obviamente, é agora), a Diversidade se levantou e golpeou a ortodoxia destruindo-a por completo. Agora, louvado seja, a única heresia é a ortodoxia. Por mais ampla e impensadamente aceita que seja esta reconstrução, é um contrassenso histórico: o imperador está nu. Sou grato a Andreas Köstenberger e Michael Kruger por desmascaramem de forma paciente, cuidadosa e refinada essa nudez vergonhosa e revelarem sua verdadeira natureza.”

D. A. Carson, professor de Pesquisa do Novo Testamento, Trinity Evangelical Divinity School.

Sumário

Prefácio de I. Howard Marshall	11
Abreviaturas	15

Introdução:

A batalha contemporânea para reformular as origens do Novo Testamento e do cristianismo primitivo	17
---	----

Parte 1 – A heresia da ortodoxia: O pluralismo e as origens do Novo Testamento

1. A tese de Bauer-Ehrman: Suas origens e influência.....	25
2. Unidade e pluralidade: Quão diversificado era o cristianismo primitivo?.....	51
3. A heresia no Novo Testamento: Quão cedo ela surgiu?.....	89

Parte 2 – A escolha dos livros: Uma investigação da formação do cânon do Novo Testamento

4. O começo no lugar certo: O significado do cânon no cristianismo primitivo	139
5. Interpretação das evidências históricas: A formação do cânon no cristianismo primitivo.....	167
6. A definição dos limites: Os livros apócrifos e os limites do cânon	203

Parte 3 – Mudanças no relato: Manuscritos, escribas e transmissão textual

7. Guardiões do texto: Como os textos eram copiados e veiculados no mundo antigo?	241
---	-----

8. Adultrações do texto: O texto do Novo Testamento foi alterado ao longo do caminho?273

Conclusão – Apelo final:

A heresia da ortodoxia em um mundo caótico.....315

Prefácio

Antigas heresias e argumentos contra o cristianismo tendem a reaparecer muito tempo depois de haverem sido enterrados. Alguém comentou certa vez que a maioria das objeções à fé foi articulada por Celso (ao qual Orígenes respondeu de modo implacável). Não obstante, algumas dessas objeções parecem plausíveis o suficiente para justificar que alguém as tire da prateleira, tire o pó e lhes dê nova roupagem. Quando isso acontece, é necessário que as reexaminemos com o intuito de evitar que uma nova geração de leitores seja enganada por elas.

Esse é o caso da tese do lexicógrafo alemão Walter Bauer, que, desassistido, leu todas as principais obras da literatura grega antiga a fim de produzir seu magnífico *Lexicon to the New Testament* [Léxico do Novo Testamento]. O valor dessa obra não está atrelado ao fato de seu compilador ser, em certos aspectos, um crítico radical que afirmou, com base em sua pesquisa do cristianismo do segundo século, que não existia um conjunto de crenças “ortodoxas” em comum nos diversos centros cristãos, mas sim um conjunto de teologias discrepantes, das quais a mais forte (associada a Roma) assumiu a posição dominante e se apresentou como a teologia verdadeira, ou “ortodoxa”.

É verdade que, no princípio, não havia os conceitos de ortodoxia e heresia, e essa divisão demorou para ser desenvolvida de forma consciente. Bauer afirmou (sem muita argumentação) que tal situação remontava ao período do Novo Testamento. Até ser traduzida em 1971, sua monografia de 1934, na qual defendeu essa ideia, exerceu pouca influência no mundo de língua inglesa. Diversos autores mostraram que se tratava de um estudo falho na análise das igrejas primitivas e de sua teologia, bem como equivocado na pressuposição de que os autores do Novo Testamento não conheciam a

distinção entre ortodoxia e heresia. Hoje, sua proposta passou por uma ressuscitação, em grande parte, por causa dos textos amplamente difundidos de Bart Ehrman, o qual, com base em documentos gnósticos, trouxe novas evidências a favor da existência de formas variadas de cristianismo, além de acrescentar sua contribuição, ao ressaltar as muitas variantes nos manuscritos do Novo Testamento que, para ele, comprovam a existência de diferenças doutrinárias.

A nova apresentação da hipótese de Bauer requer uma análise igualmente nova e minuciosa, a fim de que seus leitores não sejam tentados a considerá-la digna de crédito. Os autores deste livro se propõem expor os argumentos de ambos os lados com imparcialidade, mas também com uma investigação crítica. Eles mostram que a proposta original de Bauer foi sendo demolida paulatinamente por outros competentes estudiosos. Argumentam que a existência de vários grupos cristãos independentes não indica, de maneira alguma, a presença de uma miscelânea de diferentes teologias, entre as quais cada um se sentia à vontade para escolher a que mais lhe agradasse. Os autores reapresentam evidências incontestáveis de que, no Novo Testamento, faz-se distinção clara entre verdade e falsidade e entre ortodoxia e heresia. Além disso, argumentam que os escritos neotestamentários concordam fundamentalmente entre si quanto às suas teologias. Mostram como o conceito de conformidade com as Escrituras era uma característica inata da teologia da aliança. E refutam de modo conclusivo o uso de variantes nos manuscritos do Novo Testamento como evidência a favor de diferenças teológicas na igreja primitiva.

Os autores escrevem como partidários do que provavelmente seria identificado como um cristianismo evangélico que afirma a crença na inspiração divina das Escrituras. Todavia, tanto quando pude perceber, os argumentos dos autores não dependem dessa crença, mas se baseiam em evidências concretas e argumentos racionais, de modo que sua proposta pode se mostrar convincente até para aqueles que não compartilham de sua postura teológica. Eles

apresentam seus argumentos de forma clara e simples, de modo que, embora este livro se baseie em estudos acadêmicos amplos e precisos, é bastante acessível a leitores interessados nos temas dos quais trata.

Sou grato por essa análise minuciosa e respeitosa do assunto em questão e recomendo-a com grande entusiasmo a todos que desejam saber mais sobre as origens da prática e da teologia cristã.

I. Howard Marshall

Professor emérito de Exegese do Novo Testamento,
Universidade de Aberdeen, Escócia.

Abreviaturas

<i>ABD</i>	<i>Anchor Bible Dictionary</i>
<i>AJP</i>	<i>American Journal of Philology</i>
<i>ANRW</i>	<i>Aufstieg und Niedergang der römischen Welt: Geschichte und Kultur Roms im Spiegel der neueren Forschung</i>
<i>ARA</i>	<i>Almeida Revista e Atualizada</i>
<i>ARC</i>	<i>Almeida Revista e Corrigida</i>
<i>ATR</i>	<i>Anglican Theological Review</i>
<i>AUSS</i>	<i>Andrews University Seminary Studies</i>
<i>Bib</i>	<i>Biblica</i>
<i>Bijdr</i>	<i>Bijdragen</i>
<i>BBR</i>	<i>Bulletin for Biblical Research</i>
<i>BFCT</i>	<i>Beiträge zur Förderung christlicher Theologie</i>
<i>BJRL</i>	<i>Bulletin of the John Rylands University Library of Manchester</i>
<i>CBQ</i>	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
<i>CSNTM</i>	<i>Center for the Study of New Testament Manuscripts</i>
<i>DJG</i>	<i>Dictionary of Jesus and the Gospels</i>
<i>DLNT</i>	<i>Dictionary of the Later New Testament and Its Developments</i>
<i>DPL</i>	<i>Dictionary of Paul and His Letters</i>
<i>FRLANT</i>	<i>Forschungen zur Religion und Literatur des Alten und Neuen Testaments</i>
<i>HTR</i>	<i>Harvard Theological Review</i>
<i>ICC</i>	<i>International Critical Commentary</i>
<i>Int</i>	<i>Interpretation</i>
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JEA</i>	<i>Journal of Egyptian Archaeology</i>
<i>J ECS</i>	<i>Journal of Early Christian Studies</i>
<i>JETS</i>	<i>Journal of the Evangelical Theological Society</i>
<i>JR</i>	<i>Journal of Religion</i>
<i>JSNT</i>	<i>Journal for the Study of the New Testament</i>
<i>JSNTSup</i>	<i>Journal for the Study of the New Testament: Supplement Series</i>
<i>JSOT</i>	<i>Journal for the Study of the Old Testament</i>

<i>JTS</i>	<i>Journal of Theological Studies</i>
<i>LCL</i>	<i>Loeb Classical Library</i>
LNTS	Library of New Testament Studies
NAC	New American Commentary
<i>NIB</i>	<i>The New Interpreter's Bible</i>
NIBCNT	New International Biblical Commentary on the New Testament
NIGTC	New International Greek Testament Commentary
NVI	Nova Versão Internacional
<i>NovT</i>	<i>Novum Testamentum</i>
NSBT	New Studies in Biblical Theology
<i>NTS</i>	<i>New Testament Studies</i>
<i>ODCC</i>	<i>The Oxford Dictionary of the Christian Church</i>
PNTC	Pillar New Testament Commentary
<i>ProEccl</i>	<i>Pro ecclesia</i>
<i>RBL</i>	<i>Review of Biblical Literature</i>
SBLSBS	Society of Biblical Literature Sources for Biblical Studies
<i>SecCent</i>	<i>Second Century</i>
<i>SPap</i>	<i>Studia papyrologica</i>
StPatr	Studia patristica
<i>ST</i>	<i>Studia theologica</i>
<i>TDNT</i>	<i>Theological Dictionary of the New Testament</i>
<i>Them</i>	<i>Themelios</i>
<i>TS</i>	<i>Theological Studies</i>
TNTC	Tyndale New Testament Commentaries
<i>TJ</i>	<i>Trinity Journal</i>
<i>TynBul</i>	<i>Tyndale Bulletin</i>
<i>VC</i>	<i>Vigiliae christianae</i>
WBC	World Biblical Commentary
<i>WTJ</i>	<i>Westminster Theological Journal</i>
WUNT	Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament
<i>ZAW</i>	<i>Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft</i>
ZNW	Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche
<i>ZPE</i>	<i>Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik</i>

Introdução

A batalha contemporânea para reformular as origens do Novo Testamento e do cristianismo primitivo

O que é verdade? Em um mundo em que, por vezes, o certo parece errado — ou, ainda pior, em que as linhas demarcatórias entre o certo e o errado são tênues a ponto de não sabermos, sem sombra de dúvida, se certo e errado sequer *existem* —, a pergunta de Pilatos a Jesus adquire nova urgência. Nesse contexto, toda verdade, incluindo a moralidade, torna-se subjetiva, uma questão de ponto de vista, preferência e gosto pessoais. Em um mundo como esse, à semelhança do tempo dos juízes, cada um faz o que é correto a seus próprios olhos; mas, *ao contrário* do tempo dos juízes, isso deixou de ter conotação acusatória e se tornou um conceito aplaudido como expressão suprema da humanidade verdadeiramente iluminada. Tudo é fluido, a doutrina está morta e a diversidade impera. As pessoas buscam uma variedade de opções não apenas em restaurantes e *shopping centers*, mas também em igrejas e locais de culto. E, se não gostam do que veem, levam seus negócios — ou sua adoração — a outro lugar. Consumidores controlam quais produtos são fabricados, pais atendem a todos os desejos dos filhos, alunos definem o que será ensinado em nossas escolas e universidades e ninguém deve dizer ao outro o que fazer — ou pelo menos não deve reconhecer que o faz. Vivemos em uma era que se orgulha da própria independência, da rejeição à autoridade e da adoção do pluralismo. A verdade está morta; viva a diversidade!

Neste mundo às avessas do pluralismo e da pós-modernidade, no qual a razão como árbitro da verdade foi substituída pelo ponto de vista individual e pela autoridade irrestrita e intocável da

experiência pessoal, os conceitos convencionais foram virados de ponta-cabeça. O que costumava ser considerado heresia é hoje a nova ortodoxia, e a única heresia que resta é a própria ortodoxia. “A heresia da ortodoxia” é mais do que um título sugestivo ou uma estratégia de *marketing* para convencer leitores em potencial a comprar este livro. É um epíteto que capta muito bem o espírito predominante de uma era cujos tentáculos atualmente fecham o cerco sobre a fé cristã num abraço letal que visa a subverter o cristianismo no próprio cerne. A nova ortodoxia — o “evangelho” da diversidade — desafia abertamente a asserção de que Jesus e os cristãos primitivos ensinavam uma mensagem unificada que consideravam absolutamente verdadeira, bem como consideravam falsas quaisquer negações dessa mensagem. Assim, defensores da diversidade religiosa, como Walter Bauer e Bart Ehrman, argumentam não apenas que a diversidade contemporânea é boa e que o cristianismo histórico é excessivamente estreito em sua visão, mas também que o próprio conceito de ortodoxia é uma invenção posterior, que não corresponde às convicções de Jesus nem dos primeiros cristãos.

Bauer, Ehrman e outros adeptos da doutrina da “diversidade” afirmam que não existia no primeiro século algo como “cristianismo” (no singular), mas apenas *cristianismos* (no plural), ou seja, versões diversas de crença, todas reivindicando ser cristãs de forma igualmente legítima. A versão tradicional do cristianismo que se tornou conhecida posteriormente como ortodoxia é somente a forma de cristianismo adotada pela igreja em Roma, que emergiu como a vencedora eclesiástica da batalha pelo poder que se travou do segundo ao quarto século d.C. Para nós, hoje, isso significa que devemos tentar voltar ao conceito mais puro e não corrompido de diversidade que predominava no primeiro século, antes de o poder político e eclesiástico esmagar e extinguir brutalmente o conceito frágil de que a diversidade — chamada anteriormente de “heresia” — é a única e verdadeira ortodoxia existente.

De fato, a “nova ortodoxia” virou de cabeça para baixo o pensamento convencional. Neste livro, procuramos conduzir o leitor em uma jornada na qual exploraremos perguntas como: quem escolheu os livros da Bíblia e por quê? Os escribas antigos que copiaram os manuscritos bíblicos mudaram a história cristã? O Novo Testamento passou por transformações ao longo do caminho, de modo que não temos como saber o que os autores originais da Bíblia escreveram? Nosso ponto de partida ao tratar dessas questões será o estudioso alemão de cujo nome talvez você nunca tenha ouvido falar, mas que possivelmente contribuiu mais que qualquer outro para a nova ortodoxia: Walter Bauer. Em sua obra *Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity* [Ortodoxia e heresia no início do cristianismo], Bauer propôs o que hoje é comumente conhecido como “tese de Bauer”: a ideia de que um estudo minucioso dos principais centros urbanos existentes no final do primeiro século e início do segundo revela que o cristianismo primitivo era caracterizado por uma considerável diversidade doutrinária, de modo que não havia “ortodoxia” nem “heresia” alguma no início do cristianismo, apenas diversidade. Em outras palavras, a heresia precedeu a ortodoxia.

As implicações da tese de Bauer, adotada por Bart Ehrman e outros, são um tanto complexas e, portanto, exigem que consideremos sua argumentação em três partes separadas, porém inter-relacionadas. A primeira parte deste livro se dedica a investigar “A heresia da ortodoxia: O pluralismo e as origens do Novo Testamento”. No Capítulo 1, veremos a origem e a influência da tese de Bauer-Ehrman, incluindo a apropriação e a crítica dessa tese feitas por outros estudiosos. No Capítulo 2, examina-se o argumento geográfico de Bauer a favor da precedência da diversidade no início do movimento cristão e analisam-se as evidências patrísticas da existência da ortodoxia e heresia desde o princípio. No Capítulo 3, nossa atenção se volta para uma área de investigação omitida de modo surpreendente por Bauer: os dados do próprio Novo Testamento. Quão diversificado era o cristianismo primitivo? A heresia precedeu, de fato, a ortodoxia?

Trataremos dessas perguntas na primeira parte do livro ao explorarmos as questões mais amplas e paradigmáticas levantadas pela proposta de Bauer-Ehrman.

A segunda parte, “A escolha dos livros: Uma investigação da formação do cânon do Novo Testamento”, trata da questão relacionada ao cânon cristão, a coletânea de livros divinamente inspirados. Ehrman e outros defensores da tese de Bauer afirmam que, mesmo com respeito ao cânon, também prevalecia a diversidade e, portanto, que o cânon foi igualmente uma imposição posterior da perspectiva romana ao restante do cristianismo. Será que essa é uma representação precisa da formação do cânon? Ou Ehrman e outros defensores da diversidade são movidos por segundas intenções e desejam impor a própria visão à cultura mais ampla? Essa parte traz uma discussão sobre outros supostos candidatos à inclusão nas Escrituras cristãs, como as epístolas e evangelhos apócrifos e outros textos. Existem, de fato, “cristianismos perdidos” e “Escrituras perdidas” que, se recuperados, poderiam nos revelar “crenças que desconhecemos inteiramente”, conforme Ehrman argumenta?

Por fim, a terceira parte, “Mudanças no relato: Manuscritos, escribas e transmissão textual”, trata de outro assunto fascinante: será que os “guardiões do texto”, os escribas e copistas antigos, realmente “adulteraram o texto”, ou seja, mudaram o Novo Testamento de modo a conformá-lo às suas crenças e preferências? Mais uma vez, é isso que Ehrman alega na tentativa de mostrar que, mesmo que *quiséssemos* saber como era a ortodoxia do primeiro século — embora, obviamente, o próprio Ehrman, como seguidor devoto de Walter Bauer, não acredite que ela tenha existido —, não conseguiríamos, pois o texto original está agora perdido de forma irrecoverável. Afinal, não é fato que os autógrafos (os textos originais das Escrituras) já não existem? Como é possível, então, os cristãos de hoje afirmarem que têm o texto inspirado? Esta também é uma questão de suma importância que toca o cerne da fé cristã e que, portanto, exige maior atenção de nossa parte.

Conforme o restante desta obra deixará claro, nós, como estudiosos, acreditamos que Bauer, Ehrman e outros estão profundamente equivocados em sua reconstrução do cristianismo primitivo. Mas esse não é o principal motivo pelo qual escrevemos este livro. Antes, o que nos leva a considerar o presente assunto tão relevante é o fato de que as disputas acadêmicas sobre as expressões geográficas do segundo século do cristianismo, sobre a formação do cânon e sobre a preservação do texto fazem parte de uma batalha maior que está em andamento atualmente, uma batalha sobre a natureza e sobre as origens do cristianismo. Temos convicção de que essa batalha, por sua vez, é impelida por forças que procuram pôr em descrédito a mensagem bíblica a respeito de Jesus, o Senhor, o Messias e o Filho de Deus, e a asserção, por parte do cristianismo, de que este detém a verdade absoluta. Sem dúvida, estão em jogo, nessa batalha, questões de importância incalculável.

Por fim, para os que têm interesse na história do pensamento e no modo como os paradigmas servem de estrutura reguladora para nossa visão de mundo, este livro oferece mais uma contribuição intrigante. O tema da tese de Bauer-Ehrman serve como um estudo de caso sobre o modo como uma ideia nasce, sobre como e por que é adotada por alguns e rejeitada por outros, e sobre como um paradigma passa a exercer forte influência naqueles que estão desinformados, em grande medida, acerca de suas implicações específicas. Conforme Darrell Bock argumentou em tempos recentes, e até mesmo Bart Ehrman admitiu, a tese de Bauer foi, em sua maior parte, desacreditada no tocante aos detalhes, mas, de modo surpreendente, o defunto ainda respira — e, de fato, parece mais vivo do que nunca! Qual é o segredo desta persona maior-do-que-a-vida que transcende argumentos factuais baseados nas evidências disponíveis? Acreditamos que o segredo é que a diversidade, o “evangelho” de nossa cultura, agora assumiu a roupagem da verdade persuasiva — e essa “verdade” não deve ser incomodada por detalhes irritantes e desafiadores de pesquisa meticulosa e paciente,

porque, no final das contas, o debate não é sobre os detalhes, mas sobre o paradigma mais amplo — a diversidade.

Como acontece com todo livro desse gênero, devemos muito aos que contribuíram conosco para viabilizá-lo. Em primeiro lugar, somos gratos a nossas esposas, Marny e Melissa, e a nossos filhos. Também gostaríamos de reconhecer o apoio que recebemos de nossas respectivas instituições, Southeastern Baptist Theological Seminary e Reformed Theological Seminary, e expressar gratidão à excelente equipe da editora Crossway pelo profissionalismo no manuseio do manuscrito. Nossos agradecimentos também a Keith Campbell por sua competência na pesquisa e preparação dos Capítulos 1 a 3. Por fim, somos gratos pela oportunidade de desenvolver o trabalho de outros que nos antecederam e detectaram as muitas falhas na tese de Bauer-Ehrman, como Darrell Bock, Paul Trebilco, Jeffrey Bingham, Craig Blasing, Thomas Robinson e I. Howard Marshall. Esperamos sinceramente que esta obra ofereça uma pequena contribuição para a defesa da “fé entregue aos santos de uma vez por todas” em nossa geração. *Soli Deo gloria.*

QUAL É A HERESIA DA ORTODOXIA?

Já na década de 1930, Walter Bauer, famoso lexicógrafo, negou a clara ortodoxia no início do cristianismo e com isso sugeriu que a diversidade de doutrina na igreja primitiva conduziu a muitas ortodoxias concorrentes. Por meio de Bart-Ehrman (várias obras disponíveis em português), essa teoria ganhou nova vida e transbordou da academia para a mídia (não só a sensacionalista), tornando-se marca característica do relativismo pós-moderno e definindo em grande medida a crítica neotestamentária atual.

Köstenberger e Kruger, com sua erudição acessível e bem fundamentada, não somente reagem à “teoria de Bauer”, usando os próprios termos da teoria, mas também empregam evidências neotestamentárias negligenciadas para refutá-la. Os autores analisam três elementos como base para as suas conclusões: a evidência de unidade no Novo Testamento, a formação e o fechamento do cânon, e a metodologia e a integridade no registro e na difusão de textos religiosos por parte da igreja primitiva.


VIDA NOVA
vidanova.com.br

ISBN 978-85-275-0556-7



9 788527 505567